

SOBRE O OBJETO PSICOLÓGICO: PONTOS DE VISTA OU AS VISTAS DE UM PONTO?

Descritores

objeto psicológico;
epistemologia;
interdisciplinaridade

ABOUT THE PSYCHOLOGICAL OBJECT: POINTS OF VIEW OR VIEWS OF A POINT?

César Rey Xavier*

Descriptors

psychological object;
epistemology;
interdisciplinarity.

Biografia

* Psicólogo. Especialista em Filosofia; Mestre em História da Ciência pela PUCSP; Doutorando em Filosofia da Mente pela UFSCAR. Professor e Coordenador do Curso de Psicologia da UniBrasil.

RESUMO

A psicologia convive com um paradoxo desde a época em que conseguiu emancipar-se como ciência autônoma, em fins do século XIX, cuja dicotomia se traduz nas tentativas frustradas para se atingir um conceito mais uniforme para seu objeto de estudo. Isto representa um desafio que, de certo modo, compromete o *status* epistemológico da psicologia enquanto ciência. Pois o primeiro aspecto que caracteriza uma ciência é a seleção de um objeto, mas o que ocorre com a psicologia de modo algum lembra tal aspecto, razão pela qual diversos teóricos preferem usar seu título no plural, ou seja, referem-se a ela como “psicologias”. Nesta ótica, as diversas escolas de psicologia defenderiam, cada qual, seus isolados “pontos de vista”. Mas podemos inverter esta ótica, asseverando que os diversos teóricos tenham, na verdade, diferentes “vistas de um mesmo ponto”. Colocando-se a questão desta forma, propomos um rearranjo da singularidade e da pluralidade na psicologia, uma vez que a noção de “ponto” enquanto “objeto” volta a ocupar o lugar central de uma ciência que se queira unificada. O presente artigo visa problematizar esta dificuldade epistemológica, fomentando uma reflexão que aponta para o incremento da interdisciplinaridade entre as diversas escolas e prognosticar um possível desfecho futuro que ajude a criar um conceito mais amplo e unificado para o objeto psicológico.

ABSTRACT

Psychology deals with a paradox since the time in which attained its emancipation like an autonomous science, at the end of the nineteenth century. Its dichotomy manifests itself in frustrated attempts toward a more unified concept of its subject matter. It represents a challenge in such a way that compromises the epistemological status of psychology as a science. For the first aspect that characterizes a science is the selection of one object, but with psychology occurs something that does not remember such aspect, in view of that, several thinkers prefer to use its title in the plural form, that is, these thinkers refer to psychology as “psychologies”. In such a manner, the several systems of psychology would defend, each of them, their isolated “points of view”. But we can reverse such manner of understanding, claiming that the several thinkers have actually different “views of a same point”. Setting the problem in this way, we propose a reformulation of the singularity and plurality in the psychological science, since the notion of “point” like “object” occupies again the central place in a science that one wishes unified. The present article intends to call into question this epistemological difficulty, promoting a reflection that points out the increase of the interdisciplinarity between the several systems and to prognosticate a possible upshot in the future that allows to create a larger and unified concept for the psychological object.

Já faz algum tempo que fomos contemplados com a publicação de uma obra muito bem redigida por três pesquisadores brasileiros, cuja temática propunha uma introdução nos intrincados meandros da psicologia. Mas a tônica principal da obra, aludida em um título bastante sugestivo, reacendia uma discussão deveras delicada para qualquer psicólogo que se esmere em questões epistemológicas. O livro *Psicologias* trazia problematizada a concepção em torno do objeto de estudo da ciência psicológica, assumindo que seria mais plausível visualizar a psicologia como um campo que congrega diversas ciências embrionárias e em desenvolvimento^(1:22). Nesta ótica, seria mais “honesto”, por assim dizer, admitir que não há **uma** ciência psicológica, mas várias, assim como não há um único objeto de estudo para a psicologia, mas vários, o que justifica o título da obra supracitada. Uma conclusão bem coerente e atualizada, por certo, desde que, com efeito, retrata de modo realista o cenário epistemológico em que se encontra a psicologia. Não é difícil concordar com tal conclusão: basta observar a trajetória de um estudante de psicologia e indagar-lhe se consegue perceber algum fio de ligação que una as variadas “linhas” teóricas que aprende nas diferentes disciplinas do curso. Ou ainda, algo que vai direto ao cerne do problema, pedir aos professores que forneçam uma definição para este objeto –

todos sabemos o que iria acontecer – um psicanalista diria tratar-se do inconsciente, o behaviorista do comportamento, o gestaltista se colocaria a favor da consciência, ao passo que um terapeuta corporal, deslocaria todas as formas de mentalismos e operacionalismos para o próprio corpo e para aquilo que se usa muito dizer hoje em dia por “psicossoma”. Cada uma destas linhas teóricas, representada cada qual em uma escola, concentra sua atenção em um objeto diferente, e não se preocupa muito com o fato de que tal postura possa estar distanciando-a das demais, a tal ponto, que não parecem mais estar tratando de uma mesma ciência. De todos os problemas que uma ciência possa ter, este certamente deve ser o mais comprometedor. Afinal, como entender uma ciência que possui mais de um objeto?

Este é um problema que vem aumentando na razão inversa do que se esperaria ser a evolução natural de qualquer ciência, a qual se dirija para aquilo que Thomas S. Kuhn ⁽¹⁾, em sua obra *A estrutura das revoluções científicas*, chamou de “ciência normal”. Quer dizer, o problema epistemológico que enfrentamos hoje, no tocante à singularidade ou pluralidade do objeto da psicologia, não era tão grave quando ela respirava seus primeiros ares de ciência autônoma e incipiente no laboratório de Wilhelm Wundt (1832-1920), em fins do século XIX. De lá para cá, no lugar de um “paradigma” coeso (outro conceito de Kuhn), despontam diversos paradigmas de investigação, no lugar de uma congruência entre os fenômenos estudados, verifica-se uma disparidade de enfoques que parecem refletir mesmo a própria complexidade intrínseca ao objeto psicológico. Enfim, esta ciência recém-nascida, emancipada da filosofia e da medicina, viu crescer em seu *corpus* uma dispersão de conceituações para seu objeto, de tal modo fragmentado, que alguns historiadores como os “Schultz”, na obra *História da Psicologia Moderna* ⁽³⁾, chegam a considerá-la como uma ciência “pré-paradigmática”, e outros ainda, como o professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Arthur A. L. Ferreira ⁽⁴⁾, situa a psicologia como uma ciência “mestiça”, em uma análise epistemológica que se combina com elementos da antropologia e da história¹.

Mas não se pode atribuir toda a razão desta disparidade a uma arbitrariedade dos enfoques em si mesmos, pois, com efeito, desde os tempos de Descartes, os fenômenos psicológicos passeiam por dois domínios aparentemente antagônicos e, como talvez dissesse Kant, antinômicos, a saber, o *corpo* e a *mente* ⁽⁵⁾. Ao que tudo indica, está na própria natureza do objeto psicológico poder ser focado por uma via epistemológica de “mão dupla”, exatamente pelo fato de que, em sua manifestação, também se apresenta, enquanto “fenômeno”, de forma dúbia, o que dá margem a toda sorte de enfoques. Como afirmou certa vez o eminente historiador da ciência, Edwin G. Boring (1886-1968), quando comentava da influência do pensamento

1 Refiro-me à Comunicação intitulada “A psicologia como saber mestiço: o cruzamento múltiplo entre práticas sociais e conceitos científicos”, referenciada ao final deste artigo.

cartesiano para a formação da psicologia:

Portanto, o homem tem uma mente e um corpo e, para Descartes, o seu estudo exige dois métodos diferentes. A mente, que se manifesta no pensamento, deve ser estudada por introspecção, enquanto que o corpo, que se manifesta na ação, deve ser estudado pelos métodos da ciência natural. Mais tarde, os psicólogos, de acordo com o fato de se interessarem pelo pensamento ou pela ação, aqui encontrariam a justificativa filosófica para o subjetivismo e o objetivismo. A oposição entre essas duas veneráveis tradições na psicologia não tem sido menos amarga pelo fato de terem um ancestral comum ^(6: 718) .

As duas “veneráveis tradições” às quais se referia Boring lembram que a psicologia já nasceu com uma espécie de cisma, uma ambigüidade latente que desafia qualquer tentativa de torná-la uma ciência uniforme e homogênea. Isto é bem visível, por exemplo, na psicologia pragmatista de William James (1842-1910), já no início do primeiro capítulo de sua mais famosa obra, *The principles of psychology* (Princípios de psicologia), publicada pela primeira vez em 1890. James ⁽⁷⁾ começa o livro discorrendo sobre o escopo geral da psicologia e, no primeiro parágrafo, faz uma afirmação a respeito desta competência que já antecipava um pouco das duas “veneráveis tradições” apontadas por Boring quando este construía sua história no século XX. Dizia ele que:

A psicologia é a ciência da vida mental, tanto de seus fenômenos quanto de suas condições. Os fenômenos são certas coisas tal como nós as chamamos de sentimentos, desejos, cognições, raciocínios, decisões, e assim por diante ^(7:1) .

Note o leitor que, já na primeira sentença, James sente a necessidade de expressar-se por duas palavras que aludem a dois aspectos diferentes do objeto psicológico. O emprego do termo “fenômenos” suscita a presença de uma “consciência”, a mesma que fora chamada por Descartes ⁽⁵⁾ de puro pensamento, ou “mente”, enaltecida em sua mais famosa máxima *Cogito ergo sum* (Penso, logo existo). O emprego do termo “condições” faz referência àquilo que S. Freud (1856-1939) gostava de chamar de “aparelho”, isto é, uma franca alusão ao cérebro, ao sistema nervoso e ao corpo como um todo, porquanto forneçam as condições físicas e objetivas de expressão da mente, esta a parcela subjetiva que Descartes tanto venerava e que reaparece em James. Esta dicotomia, que estamos assumindo como latente no objeto psicológico, não foi, portanto, o resultado de um capricho intelectual dos primeiros grandes artífices da ciência psicológica, mas um problema de cunho fenomenológico legítimo, que iria afetar todas as escolas subseqüentes. Cada uma

das escolas de psicologia, desde o seu advento há pouco mais de 120 anos, enfrentou esta dualidade com seus próprios recursos epistemológicos e metodológicos, o que serve até certo ponto para justificar a dispersão verificada entre elas no tocante a uma concepção mais uniforme para o objeto psicológico. Talvez, se este objeto não apresentasse a ambigüidade de se manifestar em duas instâncias, quais sejam, a subjetividade abstrata da mente e a objetividade concreta do corpo, a psicologia poderia hoje fazer uso de uma só nomenclatura para mencioná-lo, como ocorre, por exemplo, com os físicos com relação ao seu objeto, “matéria”, ou com os biólogos cujo objeto é sempre nomeado por “vida”.

Há, contudo, várias outras explicações para a heterogeneidade da psicologia, que não se restringem ao ponto de partida cartesiano. Na obra citada no início deste artigo, os pesquisadores apresentam algumas delas, entre as quais se poderia justificar que a psicologia ainda não atingiu a devida maturidade epistemológica em razão mesmo de sua curta história de vida, o que vai ao encontro do suposto caráter pré-paradigmático desta ciência. Também lembram, os autores, de uma das características mais mencionadas no *métier* psicológico, que faz desta uma ciência diferente de todas as outras, qual seja, a de prefigurar um tipo de investigação na qual o pesquisador se confunde com o seu próprio objeto ^(1:21). Poder-se-ia, ainda, mencionar outros aspectos que fazem desta uma ciência *sui generis*, mas não é o propósito deste artigo enveredar por este caminho. Nosso intuito, aqui, é o de apresentar objetivamente um quadro problematizado da ciência psicológica e, concomitantemente, abrir caminho para novas perspectivas de reconsiderar a psicologia dentro de um modelo mais amplo. Assim, podemos inverter o rumo de nossas reflexões e, ao lado do problema já apresentado, apontar para possibilidades mais criativas, ao lado do estado de fragmentação, enxergar a possibilidade de se construírem pontes interdisciplinares. Mas para que esta nova ótica se torne viável, é preciso inverter também o sentido da frase que dá título a este artigo. Quando afirmamos que a psicologia tem vários objetos e, portanto, são várias “psicologias”, estamos inadvertidamente estabelecendo diferentes “pontos de vista”, pois se trata de cada escola teórica que, centrada em si mesma, possui uma única e isolada forma de enxergar o fenômeno mental e, a partir deste ângulo de visão, constrói sua concepção para este objeto. Nesta ótica não há troca possível entre as escolas, pois não há uma concepção mais abrangente, ampla o suficiente para lembrá-las de que estão inseridas dentro de um campo maior. Infelizmente, esta é a ótica que ainda prevalece, reforçando uma postura insular na práxis destas escolas e suas comunidades de pesquisa. Inversamente, porém, quando afirmamos que os psicólogos precisam aprender a lidar com suas divergências internas e, através de práticas interdisciplinares, lembrá-los de que não podem perder o foco mais abrangente da ciência maior que se chama “psicologia”, ou seja, uma ciência que

compreende as ciências menores ou “embrionárias” (como chamaram Bock e seus interlocutores), então aquilo que estava no plural se converte para o singular e vice-versa – os pontos de vista cedem lugar às vistas de um único e mesmo ponto! Em outras palavras, ao invés de visualizarmos a psicologia como uma ciência na qual diversas teorias representam pontos de vista totalmente isolados, podemos começar a visualizá-la como um conjunto de teorias que representam diversas vistas, a partir de ângulos diversos, projetadas sobre um único ponto, sendo este o objeto psicológico. É o mínimo que se espera de uma ciência que se queira começar a chamar de “uma ciência”. É o esperável em qualquer ciência que busque desfrutar de um sólido estatuto epistemológico. Mas ainda paira uma incerteza no ar – será possível apontar para este ponto? Como tornar singular um objeto com tantas possibilidades de expressão fenomenológica? Como sintetizar uma concepção para o objeto psicológico se ele é a própria expressão de um dos fenômenos mais complexos da história do pensamento ocidental, o problema mente-corpo?

Não é, obviamente, a pretensão de um singelo artigo como este apresentar uma derradeira solução para o impasse epistemológico da psicologia. Mas seria interessante, por ora, encerrarmos estas reflexões considerando o parecer de outro dos maiores pensadores da psicologia em seus primórdios, Franz Brentano ⁽⁷⁾, quando escrevia em 1874 o prefácio para a obra *Psychologie vom empirischen standpunkt* (A psicologia de um ponto de vista empírico):

Nossa necessidade mais urgente em psicologia não está na variedade e universalidade de princípios, mas propriamente na unidade da doutrina. Numa tal estrutura, precisamos nos esforçar para atingir o que primeiro a matemática e depois a física, a química e a fisiologia já atingiram, isto é, um núcleo de verdades usualmente aceitas, capazes de atrair para si contribuições oriundas de todos os outros campos do empenho científico. Nós temos de procurar estabelecer uma ciência psicológica singular e unificada, no lugar das muitas psicologias que temos até o presente ^(8:XV).

As palavras de Brentano vêm em boa hora! É o momento certo para os psicólogos examinarem com atenção a “ciência maior” que os compreende. É hora de deslocar a atenção dos fragmentos para uma visão do todo, o que vem sendo chamando ultimamente de “visão holística”. É esta forma de visão que compensa nossos exageros quando confundimos a nossa “vista” com o próprio “ponto”. Em um modelo mais abrangente para o objeto psicológico, que consiga sintetizar algum padrão universal de sua fenomenologia, será possível a convivência das diferenças entre as escolas sem o inconveniente da dispersão. Pois as escolas não têm apenas diferenças – também têm semelhanças – não seria interessante e urgente começar

a buscar interdisciplinarmente por estas semelhanças, a fim de compô-las, como disse Brentano, em um “núcleo de verdades usualmente aceitas”? Não poderia ser este uma espécie de “núcleo interdisciplinar” que acabaria dando uma nova face conceitual para o objeto psicológico? Se a psicologia ainda não se encontra suficientemente madura para a elaboração de um tal modelo mais amplo, já é capaz, ao menos, de trilhar o caminho que poderá conduzir nesta direção: o exercício interdisciplinar. É possível começar a enxergar a tão alardeada pluralidade da psicologia não nos objetos menores isolados por escolas, mas na riqueza de métodos e conceitos possíveis para investigar um único objeto “maior”, cuja concepção seja capaz de abarcar especialmente aquela ambigüidade do problema mente-corpo. Mas o problema é que a noção de “um ponto” requer, inexoravelmente, a noção de “união”. Pois a idéia do ponto conduz à idéia de um centro comum, ao redor do qual pode circunscrever-se a psicologia como um todo integrado. E nunca foi fácil, para as pessoas dos pesquisadores, terem de lidar com suas diferenças. Diferenças teóricas não precisam traduzir-se em diferenças de objeto. Podem se manter como diferenças de método, de conceitos, de hipóteses. E um aglomerado de diferenças sempre pressupõe alguma base comum que as torna, de outro modo, semelhantes. Afinal, se duas ou mais coisas diferem, elas diferem em relação a que critério? Se duas ou mais escolas diferem, elas diferem a respeito de suas considerações a respeito do fenômeno mental, da natureza humana, etc. Seja qual for o critério que sirva como base para se estabelecer diferenças, o simples fato de haver uma base sobre a qual estabelecê-las já constitui o núcleo comum que estávamos procurando. Na verdade, este núcleo ou modelo mais abrangente para um conceito do objeto psicológico já existe. Só nos resta vencermos nossa miopia epistemológica e enxergá-lo mais de longe. Quando conseguirmos visualizá-lo nesta perspectiva mais holística, poderemos então dar-lhe um nome.

REFERÊNCIAS

1. Bock AMB, Furtado O, Teixeira MLT. Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia. 13ªed. São Paulo (SP): Saraiva; 2002.
2. Kuhn TS. A estrutura das revoluções científicas. Tradução: Beatriz Vianna Boeira & Nelson Boeira. 3ª ed. São Paulo (SP): Perspectiva; 1994. (Coleção debates, n. 115).
3. Schultz DP, Schyltz SE. História da psicologia moderna. Tradução: Adail Ubirajara Sobral & Maria Stela Gonçalves. 8ª ed. São Paulo(SP): Cultrix; 1996.
4. Ferreira AAL. A psicologia como saber mestiço: o cruzamento múltiplo entre práticas sociais e conceitos científicos. Disponível em: <<http://www.necso.ufrj.br/Ato2003/Arthur.htm>> Acesso em 10 fev. 2008.
5. Descartes R. Discurso do método. In: Os pensadores. CIVITA, V. (Ed.). Tradução: J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultural; 1973: XV: 33-79.
6. Boring EG, Herrnsteins RJ. Textos básicos de história da psicologia. Tradução: Dante Moreira Leite. São Paulo (SP): Editora da Universidade de São Paulo; 1971.
7. James W. The principles of psychology. In: Maynard R. Great books of the western world. Chicago: Britannica; 1977. (Vol. 53).
8. Bretano F. Psychology from an empirical standpoint. Translated by Antos C. Rancurello et al. London: Routledge & Kegan Paul; 1973.